

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

T.C.
5,9,10
3623

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**A CONSTRUÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO NA
ARGENTINA: UMA LEITURA DA OBRA “FACUNDO:
CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE”, DE DOMINGO FAUSTINO
SARMIENTO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDPH
Campus São João - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Tel. 38400-902 - Uberlândia - MG - Brasil

EURÍPEDES DE PAULA PEREIRA

EURÍPEDES DE PAULA PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO NA
ARGENTINA: UMA LEITURA DA OBRA “FACUNDO:
CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE”, DE DOMINGO FAUSTINO
SARMIENTO**

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para a
obtenção do título de Bacharel em História,
sob a orientação do Professor Ms. Leandro
José Nunes.

Uberlândia, Agosto de 2007.

EURÍPEDES DE PAULA PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO NA
ARGENTINA: UMA LEITURA DA OBRA “FACUNDO:
CIVILIZAÇÃO E BARBARIE”, DE DOMINGO FAUSTINO
SARMIENTO**

BANCA EXAMINADORA:

Uberlândia, 8 de Agosto de 2007

Ms. Leandro José Nunes – Orientador – UFU

Prof. Dr.– Paulo Roberto de Almeida - UFU

Profª Drª– Dilma Andrade de Paula - UFU

Agradecimentos

À Universidade Federal de Uberlândia e ao Instituto de História pela oportunidade de realizar este curso. Em especial ao professor Ms. Leandro José Nunes, onde, na vivência diária, encontrei compreensão, estímulo e cooperação para a realização deste trabalho de monografia.

A CONSTRUÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO NA ARGENTINA: UMA LEITURA DA OBRA “FACUNDO: CIVILIZAÇÃO E BARBARIE”, DE DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO

A proposta de modernidade idealizada por Sarmiento, no “*Facundo*”, tinha por objetivo retirar a Argentina do atraso em que esta se encontrava devido à ação dos caudilhos. Terminada as lutas pela independência, a Argentina enfrentou uma série de disputas políticas envolvendo os interesses dos grandes proprietários de terras e das lideranças locais. As disputas políticas para a formação do Estado-nação argentino estavam polarizadas em dois grandes eixos políticos, os federalistas e os unitários. Dentro os primeiros, estavam Rosas e Facundo Quiroga exímios representantes dos caudilhos, porém ambos não tinham opiniões iguais no que diz respeito à formação do Estado nacional argentino. Facundo Quiroga, pensava ser necessário à criação de um Estado dentro do sistema federalista. Rosas pelo contrário, entendia que cada província deveria primeiro se organizar para posteriormente construir a federação. Dentre os segundos, isto é, os unitários estavam Sarmiento e um grupo de intelectuais liberais, que defendiam a criação de um Estado-nação guiado pela razão e pelo respeito à constituição. O Estado-nação para Sarmiento deveria seguir os modelos exitosos da experiência norte-americana e das concepções liberais francesas de liberdade e igualdade. A civilização para Sarmiento estava na Europa e nos Estados Unidos, na Argentina, segundo ele, o que existia eram luzes de uma civilização que se encontrava ofuscada pela ação dos caudilhos que assumiram o poder político sobre as cidades argentinas.

Palavras-chave: Tradição, modernidade e civilização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
Capítulo I: A SOCIABILIDADE DAS POPULAÇÕES RURAIS DA ARGENTINA SEGUNDO O PENSAMENTO POLÍTICO DE SARMIENTO.....	12
Capítulo II: AS AMBIGÜIDADES DA CONSTRUÇÃO POLÍTICA DO ESTADO NACIONAL ARGENTINO NO SÉCULO XIX	27
CONCLUSÃO	41
BIBLIOGRAFIA	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de monografia propõe uma leitura da obra "*Facundo: Civilização e Barbárie*", escrita pelo argentino Domingo Faustino Sarmiento em 1845, quando o autor estava exilado no Chile e se considerava mais um dos perseguidos por Juan Manuel de Rosas, governador da província de Buenos Aires. Estes podem ser considerados os últimos anos do poder incontestável de Rosas, cada vez mais desafiado tanto internamente quanto pelos conflitos internacionais. De um lado, a oposição de caudilhos do interior e suas alianças efêmeras, mas que exigiam a mobilização de Buenos Aires para derrotá-los. De outro, os bloqueios navais impostos pela França, a questão da Banda Oriental tornada Estado independente desde 1828, mas palco permanente de disputas entre Buenos Aires e o Brasil. E a oposição de muitos letrados e intelectuais exilados em Montevideu e no Chile, utilizando amplamente a imprensa para fustigar o governo Rosas, não deve ser menosprezada. Inclinando-se para as posições unitaristas, muitos intelectuais, entre eles Sarmiento, empreendiam uma campanha virulenta contra Rosas identificando-o, e ao federalismo que ele defendia, com todos os males da República.

Obra de cunho político, verdadeiro libelo no momento em que foi escrita, "*Facundo*" é um livro intrigante que não se deixa enquadrar nos gêneros literários previamente estabelecidos. É a biografia de Facundo Quiroga, o caudilho da província de La Rioja, assassinado em 1835 em Barranca Yaco. É a tentativa de construir uma explicação há um tempo sociológica e histórica de toda a sociedade argentina e suas lutas internas, a verdadeira guerra civil que já durava desde 1820, quando o Estado unitário, herdeiro dos projetos revolucionários de independência, entrou em colapso e abriu caminho para o mando dos caudilhos e suas disputas provinciais. Nesta tentativa de encontrar a explicação para o insucesso da República, as oposições binárias civilização / barbárie, campo / cidade, litoral / interior, Buenos Aires / províncias do interior, mundo letrado / tradição oral, gaúcho / cidadão são oposições políticas e culturais e traduzem um modo de ver a realidade e projetar o futuro que se quer para a República. Mas esta obra também pode ser lida como uma tentativa de iniciar uma literatura nacional, tão ao gosto dos românticos que buscavam as especificidades humanas e culturais engendradas pelo meio geográfico de cada nação. Destaca-se, aqui,

a descrição que o autor faz do meio geográfico argentino e do homem como seu produto: os quatro tipos característicos – o cantor, o vaqueano, o rastreador, o gaúcho mau –, as formas de associação política e a afirmação de que a Argentina seria sempre unitária pela própria constituição geográfica.

Na sociologia sarmientina a civilização está na cidade, com suas instituições e leis, enquanto o campo é território da barbárie onde impera o gaúcho. O gaúcho argentino segundo essa argumentação, é um ser selvagem e bruto, que precisa ser modificado no contato com a civilização, que o transformaria em um elemento produtivo e atuante no processo de modernização a ser instaurado em toda a República Argentina. A barbárie, na argumentação de Sarmiento, é um estágio primitivo do desenvolvimento do gaúcho, ou seja, se educado e disciplinado ele se modifica, se torna civilizado; se, portanto, abandonado em suas condições primárias de existência, delineadas pelo tradicionalismo da cultura rural Argentina, o gaúcho não é capaz de se conduzir em um mundo moderno regido por leis e instituições civis.

Neste trabalho de monografia pretendo analisar os *Projetos de modernização na Argentina do século XIX, a partir de uma leitura do “Facundo” de Sarmiento*. Metodologicamente, a pesquisa será realizada com a consulta de artigos e obras que analisem o texto de Sarmiento, ou seja, confrontando as posições de diversos autores, será possível estabelecer um parâmetro contextual entre os fatos históricos elencados por Sarmiento na construção de sua tese, e a realidade política vivida pela Argentina durante o governo de Rosas.

Ao ler o “*Facundo*”, percebe-se uma série de alternativas políticas que, segundo Sarmiento, são possíveis de serem aplicadas na Argentina, tornando-a uma nação moderna e promissora. De acordo com Sarmiento, os conflitos políticos que surgiram na Argentina após a finalização do processo de independência possibilitaram o surgimento da figura controvertida do caudilho, de base rural e índole militarista. Os caudilhos tomaram para si o governo político da Argentina, estabelecendo e mantendo a coesão nacional pela força, possibilitando com isso, o surgimento das ditaduras. É fundamental ter em mente que a época dos caudilhos foi o período em que o poder político esteve nas mãos dos indivíduos representantes dos interesses regionais, ou seja, o caudilhismo procurou manter uma ordem oligárquica fundamentada no controle das fontes de riqueza (terra e comércio) por parte de uma minoria (oligarquia vencedora), que passou a controlar os destinos políticos da Argentina em nome da ordem que deveria ser preservada.

Segundo Sarmiento, o gaúcho surge como um dos fatores primordiais para explicar a condição de atraso do desenvolvimento social, econômico e político da Argentina. Ao escrever o *“Facundo”*, Sarmiento procura estabelecer alternativas políticas possíveis para modificar o quadro político estabelecido após as lutas pela independência. Dessa forma, Sarmiento divide a argumentação política do texto do *“Facundo”* em três partes: na primeira parte, ele trata dos aspectos gerais da República Argentina, os hábitos, os costumes e o modo de vida que o campo impõe sobre as populações rurais. Na segunda parte do texto, o autor escreve a biografia de Facundo Quiroga procurando com isso, resgatar os atos perpetrados pelo personagem ao longo de sua vida, desde a sua infância até a sua morte. Observando o caráter de Facundo Quiroga, Sarmiento conclui que a formação de sua índole agressiva surgiu como consequência direta das tradições gaúchas mantidas no interior da Argentina. À medida que Sarmiento vai construindo a biografia, os fatos militares e políticos que envolveram o caudilho Facundo Quiroga vão sendo utilizados para explicar as disputas políticas que estavam sendo estabelecidas entre federalistas e unitários, que se colocavam como as principais lideranças locais que lutavam para definir os caminhos políticos a serem estabelecidos na recém-formada República Argentina. Na terceira parte do texto, Sarmiento mostra o seu caráter de político procurando propor alternativas para a construção do Estado-nação na Argentina, paralelamente a isto, ele procura persuadir os argentinos sobre a necessidade da derrubada do governo de Rosas como um dos meios necessários para a construção da modernidade e do progresso na Argentina.

O tema deste trabalho de monografia: *Os Projetos de modernização na Argentina no Século XIX, a partir de uma leitura do “Facundo” de Sarmiento*, será desenvolvido da seguinte forma: o primeiro capítulo irá apresentar uma discussão dos problemas encontrados por Sarmiento nas populações rurais dos pampas, que segundo ele, seriam os entraves ao processo de construção do Estado-nação na Argentina. O gaúcho na argumentação de Sarmiento é explicado em tipos característicos - o rastreador, o vaqueano, o cantor e o gaúcho mau -, a eles Sarmiento atribui qualidades e defeitos, que pensados em conjunto estão presentes em toda a população rural da Argentina. Através da construção dos referidos tipos, o autor do *“Facundo”* procura mostrar que o atraso político vivido pela Argentina se encontra não na pessoa do gaúcho, mas sim no seu modo de vida. Para ele, o que deveria desaparecer era uma cultura gaúcha retrógrada mantida pela tradição das populações rurais da Argentina.

O segundo capítulo inicia-se com um debate sobre o que vem a ser a modernidade assumida por Sarmiento no seu discurso político, para ele, a Argentina deveria se caracterizar politicamente como uma extensão da Europa e dos Estados Unidos, devendo por isso seguir-lhes os seus exemplos de sociedade e desenvolvimento. Na perspectiva do autor, o Estado-nação argentino para ser construído deveria ser amparado por um conjunto de leis civis, organizado por uma constituição democrática, que tomaria uma série de medidas políticas destinadas à modificação da sociedade Argentina, ou seja, Sarmiento proclama a necessidade de estimular a imigração européia para preencher os grandes vazios demográficos da República Argentina, dando condições para que o Estado liberal promovesse o surgimento das cidades modernas e industrializadas no interior da Argentina. A educação é defendida por Sarmiento como um dos elementos necessários para promover a modificação do modo de vida do gaúcho, pois segundo ele, o gaúcho educado pela cultura européia e disciplinado pelo Estado-nação argentino, se tornaria, por imposição das novas circunstâncias políticas, um trabalhador responsável pela tarefa de conduzir a Argentina a uma condição privilegiada entre os demais países da América Latina.

No texto destinado à conclusão da monografia será discutido o período posterior à queda do caudilhismo, em especial a presidência de Sarmiento, pois após a queda do ditador de Buenos Aires, Sarmiento constrói uma sólida carreira política, em que os pressupostos por ele defendidos no “*Facundo*” como verdades, são colocados em prática no seu governo. Sarmiento, então na condição de presidente, constrói um grande aparato educacional em todo o território argentino, e dá condições para que a imigração européia pudesse ser implementada de forma gradual e segura. Note-se, entretanto, que a chegada de milhares de imigrantes europeus em Buenos Aires modifica o panorama político da Argentina, pois, a partir do momento em que os imigrantes se estabeleceram no território argentino, os mesmos passaram a lutar pelos seus direitos, e a reivindicar melhorias na suas condições de vida.

Dessa forma, o “*Facundo*” de Sarmiento foi um marco histórico no pensamento político latino-americano; as lutas pela afirmação de poder, nele retratadas, estavam presentes em todas as nações que compunham a América Latina no século XIX, em diferentes contextos. Em nenhum momento Sarmiento esconde seus ideais políticos para a República Argentina, pois o caminho por ele escolhido era o da modernidade, que conduziria certamente ao estabelecimento de uma nova civilização, vencendo as antigas formas do tradicionalismo da população rural Argentina. Os caudilhos, os fiéis

representantes da barbárie dos pampas, seriam no decorrer da formação da nação Argentina, condenados ao desaparecimento, pois a partir do momento, em que toda a população rural fosse educada e condicionada a viver em sociedade, os próprios gaúchos, agora transformados, iriam combatê-los e não aceitariam mais os seus poderes opressores.

Em suma, Sarmiento buscou construir o seu lugar no cenário político argentino, e o fez articulando vários escritos, sendo um deles o *“Facundo”*. Nesses escritos, ele defendeu o que entendia ser modernidade, progresso e civilização. Sarmiento saiu vitorioso, pois o mesmo, viveu em um momento da história da argentina em que estas foram as bandeiras vitoriosas. Facundo Quiroga, Rosas, e os demais caudilhos ficariam na história política da República Argentina como personagens de um passado repleto de lutas e discórdias, pois a nova realidade da nação segundo Sarmiento, completamente diferente do seu passado tradicionalista e rural teria ao seu lado a civilização e os recursos da razão, os verdadeiros condutores da modernidade.

CAPÍTULO I

A SOCIABILIDADE DAS POPULAÇÕES RURAIS DA ARGENTINA SEGUNDO O PENSAMENTO POLÍTICO DE SARMIENTO

Os campos agrícolas se subdividem e se disseminam também na sociedade Argentina, mas em proporção muito reduzida: um lavrador limita com o outro, e o conjunto de ferramentas para a lavoura e os muitos instrumentos, aparelhos e animais que ocupa, a variedade de seus produtos e as diversas artes que a agricultura chama em seu auxílio, estabelecem relações sociais primárias entre os habitantes de um vale, e torna indispensável um rudimento de vila que lhes sirva de centro.¹

De acordo com Sarmiento, a grande extensão territorial da República Argentina abriga em seu interior um modo de vida extremamente contrário à construção da modernidade. No interior das províncias, a vida pastoril se expressa naquilo que para muitos se chama de cultura gaúcha. Essa cultura foi identificada por Sarmiento como um entrave ao progresso e a modernização da Argentina; segundo ele, no interior dos pampas o gaúcho é livre de toda a sujeição das leis da cidade, pois os limites de sua sociedade se perdem no vasto horizonte da planície do pampa. Neste ambiente ríspido, segundo Sarmiento, o gaúcho cria o seu gado, porém, quanto mais numerosos, menos braços ocupam na sua lida. A falta de afazeres no seu ambiente doméstico proporciona ao gaúcho um estado de ociosidade, que é preenchido no jogo das identidades que este vincula ao seu modo de viver, ou seja, a família o enfada e o expulsa para o pampa, que num sentimento de fascinação o prende nas irresistíveis belezas que o campo oferece. Vinculado a vida rural, o gaúcho é um produto de fusão da realidade bárbara do campo, onde não existe o espírito público e as instituições civis, vive junto com o seu maior bem, o cavalo, que para ele simboliza a poesia que existe no seu mundo, um gaúcho sem cavalo perde a sua identidade, ou seja, deixa de ser gaúcho, pois neste ambiente mágico, ao sabor da natureza, montado no lombo de seu cavalo, compreende com

¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 104.

exatidão os presságios do dia e da noite, criando uma relação harmônica entre instinto e razão.

Para Sarmiento, o cavalgar sem destino do gaúcho define o seu labor, no contato com o gado, visitando alguma cria, ou em busca de algum cavalo que vislumbrou em sonho ou no interior de alguma manada. O restante do seu tempo é absorvido pelo botequim, uma sociedade fictícia que se desenvolve no interior das províncias, resultado natural de uma série de costumes e hábitos que são incorporados à vida diária do gaúcho. Neste ambiente os gaúchos se reúnem para discutir os acontecimentos do dia-a-dia. Ali se obtém notícias de algum animal extraviado, que por ventura tenha escapado das garras do leão ou do tigre. Reconhecem-se os melhores cavalos através das corridas que são travadas com o intuito de provar a coragem e destreza do gaúcho. Dentro do botequim se contam em versos as façanhas do gaúcho, no domínio do animal selvagem, ou na travessia de um rio segurando no dorso de seu cavalo. A sociabilidade rural se constrói na vivência das ações que o gaúcho pratica, pois na sua vida, privada de emoções civilizadas, o vinho e o licor promovem a fraternidade momentânea ao circular no interior do botequim.

Nos dizeres de Sarmiento, essa cultura dos pampas leva a uma repetição de costumes, pois cria uma sociedade estreita, obtusa e sem compromisso, em que os valores da natureza física são privilegiados em detrimento dos valores modernos da civilização. Vivendo nas teias de uma cultura primitiva, o gaúcho dá continuidade a uma cultura popular que existe em função da oralidade, que é transmitida no jogo das relações que desenvolve no seio de sua sociedade.

Na falta de todos os meios de civilização e do progresso, que não podem desenvolver-se senão sob a condição de os homens estarem reunidos em sociedades numerosas, eis a educação do homem do campo. As mulheres guardam a casa, preparam a comida, tosquam as ovelhas, ordenham as vacas, fabricam queijos e tecem os panos grosseiros com que se vestem; todas as ocupações domésticas, todas as indústrias pesam sobre as mulheres. Os meninos exercitam suas forças e se adestram por prazer no manejo do laço e das boleadeiras, com que molestam e perseguem sem descanso as terneiras de cabras; quando sabem cavalgar, e isto acontece assim que aprendem a andar, servem a cavalo alguns afazeres; mais tarde quando já são fortes, percorrem os campos saltando sobre precipícios e domando o gado. Com a primeira juventude vem a independência completa e a falta de ocupação. Aqui principia a vida pública, diria, do gaúcho, pois sua educação esta terminada.

² SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 78.

Com efeito, o gaúcho dos pampas também é educado, porém sua formação não é feita na cidade, pois esse não frequentou suas instituições de ensino, não teve acesso aos livros que trazem os ensinamentos dos grandes homens, que foram a alavanca propulsora da civilização. Os mestres de sua escola foram formados na lida diária, no naturalismo do ambiente, que molda suas consciências através de uma cultura específica dos pampas. Em tese, o estudo das leis e o cumprimento de normas e regras não fazem parte do aprendizado cultural do gaúcho dos pampas, ou seja, o conhecimento prático aprendido por ele no meio em que vive, é o necessário a sua existência, pois dessa cultura conservada pelas populações rurais, em meio a sua pobreza e privações, o gaúcho dá continuidade a sua vida.

Essa diversidade cultural, presente no interior da vida rural argentina, foi o campo de manifestações em que Sarmiento se pautou para definir a sua posição contrária a existência destes espaços de socialização rural, pois para ele, a mal quista e degenerada figura do gaúcho, vinculada a uma sociedade estreita, sem organização política e espírito público, não poderia coexistir dentro da nova realidade política que deveria ser construída na República Argentina. Sarmiento via determinadas qualidades no gaúcho, que lhe causavam um sentimento de admiração por essa força bruta dos pampas. Entretanto, essa admiração estava vinculada única e exclusivamente ao universo poético que reinava no interior das províncias, não significando em nenhum momento, a aceitação deste modo de vida do gaúcho no interior do Estado-nação que Sarmiento propunha para a Argentina.

Nessa perspectiva, Sarmiento, ao construir o seu discurso, também está construindo uma caracterização da população rural Argentina. Dessa forma, ao propor alternativas para a consolidação do seu ideal de modernidade, o autor trabalha a sua argumentação pelo viés cultural, em que os ritos, as cerimônias, as tradições e os valores comportamentais assumem um caráter simbólico. Assim, Sarmiento procura elucidar as relações estabelecidas entre o homem e a natureza, a partir de uma descrição e análise daquilo que ele entendia ser os aspectos constitutivos do povo argentino. O gaúcho na argumentação de Sarmiento é explicado em tipos característicos - o rastreador, o vaqueano, o cantor e o gaúcho mau - a eles, Sarmiento atribui qualidades e defeitos, que pensados em conjunto estão presentes em toda a população rural da Argentina. De acordo com Sarmiento, esses tipos característicos passam a ser as figuras centrais representativas dos pampas, ou seja, o gaúcho é visto como um produto e como um produtor da barbárie sendo, portanto, o cerne do atraso argentino.

Existe, pois, um fundo de poesia que nasce dos acidentes naturais do país e dos costumes excepcionais que cria. Para ser despertada a poesia (porque a poesia é como o sentimento religioso, uma faculdade do espírito humano), necessita o espetáculo do belo, do poder terrível das imensidades da extensão, do vago, do incompreensível, porque só onde acaba o palpável e vulgar começam as mentiras da imaginação, o mundo real. Do meio destes costumes e gostos gerais se levantam especialidades notáveis, que um dia embelezarão e darão um colorido original ao drama e ao romance nacional argentino³.

O rastreador é aquele que vê com os olhos da experiência, ou seja, a sua percepção foge aos padrões normais e o mundo que o cerca não lhe obscurece os sentidos, pois, quando se encontra no exercício de sua tarefa, cada mínimo detalhe se transforma em evidências irrefutáveis para a solução de algum crime praticado. Todos os gaúchos possuem essa faculdade desenvolvida em menor ou maior grau, causando nos indivíduos um sentimento de medo e consideração. O pobre o teme, pois a sua palavra pode comprometê-lo e lhe ser desfavorável em algum momento de sua vida, o rico o enaltece com ouro e prata, esperando que algum dia o seu testemunho possa lhe ajudar em alguma contenda, como também lhe fazer falta caso não tenha a presença favorável do rastreador ao seu lado. A justiça o cultua com ares de devoção, pois quando essa se torna impotente para solucionar um crime ou roubo, que foi praticado por algum malfeitor, cujos vestígios tenham sido ocultados com maestria pelo criminoso, o rastreador é chamado; o delinqüente, por seu turno, ao cometer o delito já o faz com temor, pois sabe que o rastreador posto ao seu encalço o perseguirá com determinação.

Seguindo a linhagem dos arquétipos elencados por Sarmiento, destaca-se o vaqueano, que se caracteriza pelo seu profundo conhecimento da estrutura física dos pampas, é capaz de guardar em sua mente todas as imagens que compõem a configuração geográfica da República Argentina. O vaqueano é o homem bússola que é capaz de descobrir direções e caminhos nunca antes trilhados, cuja mente conhece com perfeição todos os aspectos topográficos e característicos das planícies, das matas e das montanhas. “[...] O vaqueano é o topógrafo mais completo, é o único mapa que leva um general para dirigir os movimentos de sua campanha”⁴.

³ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p.87

⁴ Idem, p. 93.

O cantor, outro arquétipo do gaúcho, segundo Sarmiento, é o trovador dos pampas, o poeta que em versos canta a história dos heróis, dos injustiçados, das donzelas e dos mártires. Percebe-se que o cantor, como um andarilho do saber poético, preserva com o seu trabalho as tradições, a oralidade e a cultura de seu povo. “[...] O cantor está fazendo ingenuamente o mesmo trabalho de crônica, costumes, história que o bardo da Idade Média”⁵.

Por fim, o gaúcho mau, um personagem misterioso que enche de histórias o imaginário cultural dos pampas da Argentina, pois sua vida, repleta de atos de violência o torna uma figura emblemática, temida, repelida e admirada por todos. Perseguido pela justiça, sob o encalço da patrulha, o gaúcho mau, o fora-da-lei dos pampas, percorre as instâncias da República Argentina tranqüilamente, se abordado por uma milícia de soldados, ele pára diante dos homens e os analisa com frieza, pois sabe que a tropa não será capaz de detê-lo, devido às várias cicatrizes que já impôs na cara dos soldados desavisados que tiveram um dia à infelicidade de tentar detê-lo e sofreram na pele a dor dos cortes feitos pelo fio afiado de sua faca.”[...] O gaúcho mau não é um bandido, não é um salteador; o ataque à vida não entra em sua idéia, rouba, é verdade, mas esta é a sua profissão, sua ciência”⁶.

O estudo dos tipos característicos acima elencados possibilitará o entendimento do pensamento sarmientino. Relacionando essa caracterização com o discurso sobre a modernidade, permitirá a compreensão das propostas políticas que estavam em jogo na primeira metade do século XIX na América Latina, especialmente na Argentina. Com efeito, a proposta de Sarmiento é a construção de um Estado e de uma sociedade ancorados nos pressupostos do progresso e da civilização. Ao caracterizar o gaúcho, Sarmiento lança mão da dicotomia civilização x barbárie, poderosa imagem que fez sucesso em toda a América Latina em diferentes contextos.

Sarmiento, ao se referir ao gaúcho dos pampas e ao descrevê-lo literariamente apresenta-o como um representante da cultura rural argentina, por um lado majestoso e heróico, cujo modo de vida em decorrência do progresso que deveria instalar-se na região estava condenado ao desaparecimento. Isso porque, o gaúcho, inserido no contexto dos pampas, é um bárbaro, ou seja, a melhor expressão do atraso do campo argentino. Neste viés, a sociedade dos pampas é vista de forma depreciativa, pois

⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 97

⁶ Idem, p. 96.

segundo ele, as bárbaras províncias argentinas fomentam em seu seio o clima ideal para a consolidação de um estado de imobilidade e atraso, caracterizado nas manifestações gauchescas. Em contrapartida, as cidades, com suas instituições civis e políticas, representam um centro irradiador de cultura e civilização. Assim, pois, a base da dicotomia civilização x barbárie é reafirmada mais uma vez.

Segundo Sarmiento, nos grandes e despovoados pampas encontra-se uma organização familiar construída sobre uma base tribal, que representa o principal sustento do modo de vida rural mantido pelo gaúcho. No campo tudo que representa o mundo civilizado, Estado, lei, ordem, direito, é menosprezado, é visto pelo gaúcho como ruim. No interior o gaúcho vive de acordo com o momento, um dia após o outro, sem perspectivas sobre o futuro; no seu ambiente a única preocupação que o atormenta é o seu instinto de aventuras, que constantemente o convida para o interior dos pampas, segregando-o do contato com a sociedade civilizada que se mostra atuante no interior das cidades.

A modernidade para o gaúcho, com todas as suas instituições civis, administradas por um Estado democrático e liberal, não corresponde às suas necessidades. Para ele, a vida em sociedade gerida por leis, horários e compromissos, é completamente enfadonha, ou seja, na zona rural argentina, a vida do gaúcho é livre e desobstruída de afazeres mais complexos que certamente requereriam um aprimoramento intelectual e científico de sua parte, pois o gaúcho, sendo completamente contrário a educação formal, que para ele é desnecessária, se mantém distante dos núcleos disseminadores do saber intelectual encontrado no interior das cidades.

A população rural argentina para ser transformada em elemento gerador do progresso, na argumentação de Sarmiento, deveria ser submetida a um forte aparato educacional direcionado pelo Estado, esse por sua vez, na condição de condutor da modernidade, teria condições de colocar o gaúcho no lugar devido que lhe cabe nesse processo, transformando o seu caráter aventureiro e rebelde, dando a ele normas e regras de conduta próprias a um cidadão honesto e trabalhador, que se sente responsável pelo futuro de sua pátria e pelo desenvolvimento das relações econômicas e sociais. Dessa forma, o gaúcho transformado pelo contato com a civilização e sob a tutela do Estado criaria todos os meios necessários para que as antigas e bárbaras condições de vida do campo desaparecessem e dessem lugar a uma nova sociedade, que transformaria o gaúcho em um genuíno habitante das cidades modernas, tornando-o um trabalhador

consciente da sua tarefa de construir uma nova República Argentina, amparada pela constituição democrática e liberal.

Assim, pois, as qualidades românticas do gaúcho, elencadas por Sarmiento, ao caracterizá-lo nos “tipos característicos” não encontrariam espaço nessa nova sociedade. Elas são necessárias no meio rural, lugar onde impera a desordem e a lei arbitrária dos caudilhos que dominam pela força. Nessa perspectiva, o gaúcho é um elemento dissociado da civilização, que só existirá em função das antigas tradições culturais mantidas no campo. Entretanto, a nova identidade cultural que seria construída na Argentina, em Sarmiento, seria buscada nas cidades letradas, que forneceriam todos os elementos culturais necessários para transformar a barbárie da zona rural argentina em espaços modernos, produtivos e civilizados.

Segundo Sarmiento, uma das primeiras atuações da barbárie dos pampas sobre as cultas cidades argentinas foi o surgimento da montonera, essa por sua vez, foi uma milícia fortemente armada que se criou junto com as primeiras lutas por afirmação de poder da República Argentina, sob as ordens do general Artigas, vaqueano, contrabandista, um militar que soube aplicar com rigor os castigos da guerra contra as cidades, que se viam impotentes para combater a fúria da gauchada que se lançava sobre elas sedentos de sangue e destruição.

A montonera somente poderia ser explicada tendo por base a sua origem, ou seja, surgiu no campo, nos domínios do botequim, que conseguiu reunir a força bárbara do gaúcho e dar a ela forma e expressões militares, porém, o seu comando era destituído dos conhecimentos táticos ensinados nas modernas academias militares. A montonera se constituiu como um movimento espontâneo das manifestações rurais pastoris da Argentina, porém, nas suas primeiras aparições se mostrou uma organização extremamente retrógrada, haja vista que a sua existência estava vinculada a uma forte resistência do elemento gaúcho, que mesmo sendo comandado conservava a sua rebeldia e sentimento de liberdade, pois o gaúcho transformado em soldado da montonera não abandonava o individualismo, o apego ao seu cavalo, sua arma exclusiva, que sempre o conduzia para a imensidão dos pampas, o seu campo de atuação.

A guerra da revolução Argentina foi dupla: primeiro, a guerra das cidades, iniciada na cultura européia, contra os espanhóis, a fim de dar maior amplitude a essa cultura; segundo, a guerra dos caudilhos contra as cidades a fim de se libertarem de toda a sujeição civil e desenvolver seu caráter e seu ódio contra a civilização. As cidades triunfaram sobre os espanhóis e as

*campanhas sobre as cidades. Eis aqui o enigma da revolução Argentina, cujo primeiro tiro foi disparado em 1810 e o último ainda não soou.*⁷

Segundo o pensamento de Sarmiento, a destruição das instituições civis das cidades pela barbárie dos campos e o progressivo distanciamento da civilização da República, aliado às constantes disputas políticas entre os grupos de poder na Argentina, possibilitaram o aparecimento da força caudilha, que teve em Facundo e Rosas, os seus mais eminentes representantes. Nessa época, a Argentina estava cercada por lutas civis intermináveis, polarizadas em dois eixos políticos, os federalistas e unitários. Dentre os primeiros, estavam Rosas e Quiroga, exímios representantes dos caudilhos, porém ambos não tinham opiniões iguais no que diz respeito à organização do Estado Nacional Argentino. Facundo pensava ser necessário a criação de um Estado dentro do sistema federalista. Rosas pelo contrário, entendia que cada província deveria primeiro se organizar para posteriormente forjar a Federação. Dentre os segundos, isto é, os unitários, estavam Sarmiento em um grupo de intelectuais que defendiam a criação do Estado Argentino guiado pela luz da razão e pelo respeito à constituição.

Facundo Quiroga, na visão de Sarmiento é o gaúcho mau, o mais puro representante da barbárie rural, é a força cega e bruta do campo que vem para destruir tudo o que pareça ser civilizado. Facundo Quiroga não é simplesmente a descrição terrível de um caudilho, é a descrição da política caudilhesca que tomou de assalto a recém formada República Argentina. Avesso à civilização, Facundo Quiroga procura destruir pelos meios mais cruéis o espírito da modernidade européia que lutava para se instalar no seio das cidades Argentinas.

Nas palavras de Sarmiento, Facundo Quiroga conseguiu agregar em torno de sua pessoa todos os elementos da desordem e violência que estavam em ebulição no interior das províncias, fez do seu ódio às instituições civis a sua bandeira de destruição e morte. Nas cidades, os homens ilustres que formavam o seu governo sofreram sob o jugo do seu espírito de gaúcho, do gaúcho mau, que roubou da Argentina não apenas os seus cavalos, mas acima de tudo a sua liberdade. A vida pública de Facundo Quiroga era regida por um instinto bárbaro, sanguinário, eminentemente desorganizado e feroz, pois na incapacidade de reger o governo civil, punha o terror sobre todos para conseguir a legitimação do seu poder. A imagem do Facundo Quiroga descrita por Sarmiento,

⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 117.

resumiria em si muitas vezes o retrato de Rosas, bem como, de todos os caudilhos que durante o pós-independência, impediram que as luzes da modernidade se instalassem na República Argentina.

Facundo Quiroga desconhecia a insubordinação, pois todos aqueles que ousaram se erguer contra o grande general caudilho foram castigados de uma forma fria e cruel. O próprio Facundo Quiroga distribuía as sentenças aos insurretos, para alguns o açoite, que em muitas ocasiões era ministrado pelo general caudilho. Sarmiento afirmava, que o general Facundo Quiroga sabia manejar o chicote com tamanha destreza, que a cada golpe ministrado nas costas do infeliz condenado, as carnes se rasgavam deixando escorrer o sangue que se misturava com a poeira do pampa. A outros a sentença era pena capital, porém o condenado não era morto pela ação das armas de fogo. A sua morte vinha através da degola, da faca do gaúcho mau, da cultura rural do campo, que num único golpe retirava a vida do insubordinando.

Facundo, ignorante, bárbaro, que levou por longos anos uma vida errante, que só ilumina de vez em quando os reflexos sinistros do punhal que gira em torno de si; valente até a temeridade, dotado de forças hercúleas, gaúcho a cavalo, dominando tudo pela violência e o terror, não conhece outro poder além do da força bruta, não tem fé senão no seu cavalo; espera tudo de sua coragem, da lança que empunha, o ímpeto terrível de suas cargas de cavalaria. Onde encontréis na Republica Argentina um tipo mais acabado do ideal do gaúcho mau? Credes que é estupidez deixar na cidade sua infantaria e artilharia? Não. É instinto, é garbo de gaúcho; a infantaria desonraria o triunfo, cujos lauréis devem ser colhidos a cavalo.⁸

Rosas, o estancieiro dos pampas, retrato fiel do gaúcho mau Facundo Quiroga, Rosas o vaqueano, que segundo Sarmiento, conhecia pelo sabor das raízes das moitas dos pampas o gosto do pasto de todas as estâncias da República Argentina. O que era terror em Facundo Quiroga transformou-se em arte política nas mãos de Rosas. A culta Buenos Aires viu ruir suas instituições públicas sobre o jugo de sua personalidade carniceira e calculista, que sempre se apresentou mais cruel do que a Facundo Quiroga, pois este em verdade, matava e estropiava seus desafetos com impiedade, porém o fazia num momento de ira quando o sangue de gaúcho mau lhe subia às têmporas, devido a alguma contrariedade. Rosas, ao contrário, era premeditado, frio e cruel, pois dentro de

⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 135.

seu gabinete “republicano”, calmamente escolhia as gargantas para serem degoladas e os dorsos para serem açoitados.

A rivalidade política entre Facundo Quiroga e Rosas era algo público. A República Argentina a partir de 1832, segundo Sarmiento, se dividia em eixos de influência política, liderados por Facundo Quiroga e Rosas. As províncias de Jujuy, Salta e Tucumán estavam sob a liderança de Facundo Quiroga; enquanto Buenos Aires e San Luis, recebiam a jurisdição política de Rosas. Sobre as cinzas de Facundo Quiroga, Rosas unifica o seu governo. A intempestiva morte de Facundo Quiroga que ocorreu na província de Barranca-Yaco possibilitou ao tirano de Buenos Aires estender plenos poderes sobre a República Argentina, que viu neste momento a barbárie do campo adentrar a cidade pelas portas dos fundos, pois Rosas, filho da culta capital portenha, nascido em meio à civilização com suas leis e instituições civis, neste momento, também veste a casaca de general e empunha a faca de gaúcho mau.

Precisamente aos 13 de abril de 1835, Rosas recebe a outorga do poder presidencial, porém este título público adveio não dos seus méritos políticos, que segundo Sarmiento, eram obtusos, pois o único mérito que Rosas tinha, se é que tinha alguns, era o de plagiar os seus antecessores. Nos dizeres de Sarmiento, Rosas executou um plano de governo centralizado em sua pessoa, um programa aberto, sem disfarces, construído na seguinte epígrafe: “quem não está comigo é meu inimigo”. A soma do poder público que fora investido em Rosas em Buenos Aires estendia-se por toda a República Argentina, pois Rosas, intitulado-se o Restaurador do Sistema Unitário, buscou centralizá-lo em sua pessoa, em Buenos Aires, em detrimento das províncias do interior que se manteriam vinculadas ao poder central emanado de suas mãos.

Finalmente, Rosas já têm o governo em suas mãos. Facundo morreu há um mês; a cidade se entregou a ele incondicionalmente; o povo confirmou de modo mais autêntico esta entrega de toda a garantia e de toda a instituição. O Estado é um quadro em branco em que ele vai escrever uma coisa nova, original; conforme ele a concebeu; meditou vinte anos sobre este trabalho, ao qual finalmente pode dar a luz, sem que tradições envelhecidas venham estorvar sua realização, preocupações da época, plágios da Europa, garantias individuais, instituições vigentes⁹.

⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 280.

A educação pública argentina, o grande sonho de Sarmiento, sucumbiu sob o governo despótico de Rosas que perseguiu e hostilizou colégios e universidades. A elite intelectual de Buenos Aires, perseguida e humilhada se espalhou pela América Latina e Europa. A capital portenha viu nesse momento partir seus ilustres políticos, escritores e literatos, que buscaram em outras pátrias melhores condições para expressarem suas posições políticas e ideológicas. Inegavelmente, toda essa camada de degredados sábios que foram forçados a se espalhar pelo mundo teve a oportunidade de beber nas fontes do conhecimento, seja na Europa ou nos Estados Unidos, estudando os governos e os costumes dos povos, que há muito não sabem o que é ser dominado pelo terror e despotismo. Segundo Sarmiento, esses mensageiros da modernidade um dia retornarão com toda esta bagagem intelectual, e novamente em solo Argentino terão condições de promover o progresso e o desenvolvimento da República desvencilhando-a da barbárie rosista.

Durante mais de vinte anos Rosas governou a República Argentina com um despotismo sem limites, negou em todas as instâncias o direito dos cidadãos argentinos de promulgar uma constituição, pois para ele nunca era o momento justo, argumento de todos os tiranos. Sarmiento, em contrapartida, propôs uma política liberal com liberdade de expressão para o povo argentino; Rosas, por seu turno, deixou como legado para a Argentina a lembrança do seu autoritarismo. Rosas se auto-intitulava um “patriota”, que renunciou a sua vida de estancieiro para “salvar a República Argentina” da anarquia política que se instalou no período do pós-independência. O principal aparato social da ordem rosista estava no campo, pois ele contava com o apoio dos grandes estancieiros, em uma época em que as atividades pecuárias começavam a prosperar na Argentina, em especial, a produção de charque. Os opositores ao seu regime eram denominados como inimigos da República, e favoráveis à volta do regime colonialista. A ideologia do governo rosista, permeado pelo terror, foi um dos instrumentos para garantir o apoio popular a sua causa presidencialista, pois Rosas, era apresentado como o defensor da República democrática, o virtuoso cidadão, que tirou a Argentina do caos da independência, impedindo a possibilidade do retorno ao seu passado colonialista.

Os períodos em que Rosas foi governador da província de Buenos Aires (1829-1832 e 1835-1852) se destacaram entre os mais conturbados da história dos países platinos. Embora não houvesse um Estado nacional constituído, as províncias argentinas se autogovernavam. Rosas sempre procurou influenciar as demais províncias do interior, e se pautou em uma política centralizadora, aproveitando-se do fato da

exclusividade comercial de Buenos Aires, por ser uma cidade portuária. Muitas províncias reagiram contra o despotismo do governo rosista aliando-se aos ideais dos unitários e aos intelectuais da “Geração de 1837”. As lutas entre os rosistas e os anti-rosistas também se estenderam ao campo ideológico, especialmente através da imprensa de Buenos Aires, favorável ao regime, e de Montevideú, contrária ao mesmo.

Como característica da “Geração de 1837”, surge o fato de seus integrantes utilizarem com frequência, o termo “República Argentina”. Antes do surgimento deste grupo de intelectuais, a República designava um cabildo ou municipalidade, uma província ou um conjunto de províncias. A partir do advento da elite letrada de Buenos Aires, a “República” passou a ser sinônimo de “nação”, sendo esse o legado deixado pela “Geração de 1837” para a formação da identidade nacional Argentina. Em sua obra “Fragmento preliminar al Estúdio del derecho”, Alberdi afirmou que havia chegado a hora da “[...] combinación de las leis generales del espíritu humano, con las individuales de nuestra condición nacional”¹⁰. O autor argumentava que era preciso desenvolver uma consciência nacional através da filosofia e da razão. A nacionalidade só seria plenamente realizável com a República Argentina, que ainda estava por ser efetivamente construída. Dessa forma, o “verdadeiro republicanismo” caracterizado pela soberania popular ainda não fora alcançado, essa argumentação de Alberdi fica claramente perceptível em outro trecho de sua obra:

*A soberania está vinculada à inteligência. O povo é soberano quando manifesta a sua inteligência no exercício da política. É necessário que o povo afirme: “quero viver uma República”, pois somente assim, o processo democrático se constrói. Há na vida de todos os povos fases de amadurecimento político, caracterizados por períodos ou idades: idade teocrática, idade feudal, idade despótica, idade monárquica, idade aristocrática, e por fim idade democrática. A democracia é, pois, a condição futura da humanidade, em que ao difundir a civilização acelera-se o surgimento da democracia*¹¹.

A República relacionada à democracia é um estágio futuro da humanidade. Para Alberdi, o verdadeiro republicanismo ainda não era possível porque o povo não seria ainda suficientemente “inteligente” para exercer a soberania popular. Essa só seria possível quando o povo dominasse a filosofia e a razão, longe de um republicanismo, o

¹⁰ TERAN, Oscar. **Escritos de Juan Bautista Alberdi**: el redactor de la ley. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1996, p. 98.

¹¹ Idem, p.112.

regime de Rosas era caracterizado como uma “reação do passado”, um retorno ao poder dos representantes do “antigo regime”, derrotando a tentativa de renovação almejada pelos “revolucionários de maio” para construir um estado de modernidade para a República Argentina. Este posicionamento político de Alberdi caracteriza profundamente os anseios da elite letrada portenha, pois a Revolução republicana de maio de 1810 foi derrotada, não pela pessoa de Rosas, mas pela realidade das condições sociais e culturais mantidas pelo tradicionalismo do gaúcho, que nos campos argentinos, mantinham-se distantes dos objetivos revolucionários das cidades. No início do processo de independência todo o interior se movimentou para vencer o poderio da Espanha, porém ao longo das lutas civis que se instalaram na Argentina, o gaúcho dos pampas não encontrou nelas um significado razoável, pois ele próprio, passou a ser escravizado pelos caudilhos, que se ergueram na disputa de poder durante o caos da formação da nacionalidade argentina. Para os intelectuais de Buenos Aires, entre eles Sarmiento, que embora interiorano, estava amplamente engajado nas suas lutas pela criação de um Estado Democrático; a sociedade Argentina era caracterizada por hábitos e costumes “bárbaros” do antigo regime, legado da Espanha, tais como: a manutenção de traços aristocráticos e a permanência das tradições retrógradas cultivadas pelas populações rurais.

A educação não fez parte do governo de Rosas, pois em nenhum momento, o então presidente da República Argentina promovia condições para elevar as massas culturalmente e socialmente, pelo contrário, procurava manter o povo sempre na ignorância, pois assim o teria submisso e sem condição de se articular politicamente em busca de seus direitos. As massas populares para Sarmiento, eram vistas como ignorantes e brutas, porém ao contrário de Rosas, Sarmiento dedicava seus esforços em educá-las criando desse modo, uma igualdade de oportunidades que indubitavelmente seria a base da democracia que propunha para a Argentina. A Argentina, para Sarmiento, deveria ser a nação que receberia os imigrantes europeus e o espírito público norte-americano, pois a partir dessas medidas políticas, seria possível erguer na República Argentina as escolas públicas e gratuitas, como também, a instituição da liberdade de imprensa e das manifestações políticas e culturais.

Sarmiento com frequência assinalava a necessidade da educação popular, esforçando-se para isso, ele denunciava a injustiça que significava uma universidade gratuita direcionada aos filhos das classes altas, pois os pobres não tinham essas oportunidades, além do mais, a grande maioria das escolas públicas que conseguiram se

manter em atividade durante o governo de Rosas estavam entregues ao abandono. Com efeito, durante o governo de Rosas, o sistema escolar esteve sob a direção dos jesuítas, que implementaram em todo o território um ensino obrigatório com a utilização de catecismos; os mestres juravam fidelidade ao federalismo, e todos os alunos e professores deviam usar um adereço vermelho na roupa para simbolizar adesão ao regime rosista.

Durante a década de 1840, devido a sua oposição ao regime de Rosas, Sarmiento sofreu em Santiago do Chile as amarguras do exílio, distante de sua terra, em meio a algumas luzes que teimavam em brilhar no silêncio de suas recordações mais profundas, escreve *"Facundo: Civilização e Barbárie"*, que nesse momento se transforma em um libelo à democracia e à liberdade do povo Argentino. Sarmiento, no seu exílio, encontra condições de examinar e julgar a trajetória política da Argentina no pós-independência, até os idos 1840, pois a partir dessas recordações, *"Facundo"* começa a circular em folhetins entre os meios políticos do Chile. Em 1845, faltando ainda muito tempo para o término da tirania de Rosas, Sarmiento dá início ao seu ensaio sobre a vida de Facundo Quiroga, onde, numa passagem famosa, expõe toda a sua indignação ao governo de Rosas:

Eis aqui todo um sistema: o terror sobre o cidadão, para que abandone sua fortuna; o terror sobre o gaúcho, para que com seu braço sustente uma causa que já não é a sua; o terror supre a falta de atividade e o trabalho para administrar; supre o entusiasmo, supre a estratégia; supre tudo. E não há o que espantar: o terror é um meio de governo que produz maiores resultados que o patriotismo e espontaneidade... É verdade que degrada os homens, empobrece-os, arranca do Estado o que poderiam dar em dez anos, mas o que importa tudo isso...Ao chefe dos bandidos, ou ao caudilho argentino¹².

Sarmiento, ao escrever a história política de seu país, procura propor alternativas para buscar a formação da nacionalidade da Argentina, pois a influência adquirida junto aos autores iluministas possibilitou a Sarmiento, construir a dicotomia entre a civilização, que segundo ele, possui seu centro nas cidades, e a barbárie, que tem como reduto os pampas sob a influência política dos caudilhos. Sarmiento usando Facundo Quiroga como pretexto, realizou nessa obra um profundo estudo do caudilhismo, tendo

¹² SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 293.

em Rosas o seu mais forte representante. Ao longo da narrativa de "*Facundo*", o tema civilização se torna um sinônimo para a cidade de Buenos Aires, que assume um lugar de destaque no contexto político da Argentina, pois para Sarmiento, civilizar significa o entendimento da cidade como o locus natural para o exercício da política. Para Sarmiento, a luta que dilacerava a Argentina era um capítulo de um choque maior, de dimensão universal, entre a barbárie e a civilização: "[...] A mesma luta entre civilização e barbárie e do deserto e da cidade, existe hoje na África; os mesmos personagens, o mesmo espírito, a mesma estratégia indisciplinada entre a horda e a montonera¹³".

Sarmiento propunha uma ruptura total com o passado, eliminando todas as formas de tradições populares, que encontravam no gaúcho o seu mais fiel representante. O norte a ser seguido era a construção de uma República democrática, distante do governo de Rosas, caracterizado como remanescente do passado, que perpetuava os hábitos e os costumes bárbaros do gaúcho. A zona rural Argentina, o refúgio da poesia e do romantismo, seria apenas uma página virada na triste história da República Argentina.

Nessa premissa, os tipos característicos argentinos, desalojados de suas antigas estruturas culturais, não encontrariam mais espaços para coexistirem nos pampas. A modernidade se tornando uma realidade no interior dos campos argentinos pela modificação dos espaços rurais em cidades através da cultura moderna - o rastreador, o vaqueano, o cantor e o gaúcho mau -, ficariam apenas na memória literária da República Argentina, que liderada pelas luzes da razão, romperia os grilhões que a prendem ao passado bárbaro e tradicional do gaúcho, que por sua vez, ao contato com instituições civis das cidades modernas desaparecerá, para dar lugar à civilização que expulsará as formas retrógradas da sociabilidade dos pampas.

¹³ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p.94.

CAPÍTULO II

AS AMBIGÜIDADES DA CONSTRUÇÃO POLÍTICA DO ESTADO NACIONAL ARGENTINO NO SÉCULO XIX

Finalizadas as lutas pela independência que uniram por um breve tempo os diversos interesses e concepções políticas de criollos intelectuais e a gente do povo, a nascente República Argentina se viu mergulhada nas disputas políticas que tinham como eixo agora, a construção do Estado-Nação. De um lado, a concepção de um Estado que preservava a autonomia político-administrativa das províncias, na defesa dos interesses dos grandes proprietários de terras e das lideranças locais. De outro, a concepção de que o Estado e a Nação a serem construídos, deveriam seguir os modelos exitosos da experiência norte-americana e das concepções francesas de liberdade e cidadania. Para isso, um Estado de caráter nacional, com um projeto para todo o território e todos os homens, era visto como indispensável. A expressão desse projeto pode ser vista na redação da primeira Constituição Argentina, cópia e fusão daquela dos Estados Unidos, da França e das leis inglesas, o que foi comum em toda a América Hispânica recém-independente.

A “Democracia na América”, de Alexis de Tocqueville, foi uma das publicações que repercutiram em profundidade nos meios intelectuais argentinos, tornando-se uma forte referência no debate sobre os caminhos que poderiam ser percorridos para a construção de uma nação moderna e industrializada. Tocqueville ao analisar o Estado democrático norte-americano elabora o conceito de Poder Local, que segundo ele, tratava-se de instituições fundamentais de ação social, nas quais o cidadão americano podia livremente exercer sua cidadania e aprender a arte da política. Tocqueville, nos seus escritos, valorizava sobremaneira a pequena comunidade política, pois só essa podia proporcionar a solidariedade indispensável para a estimulação da virtude cívica e para a preservação da liberdade política. Além disso, ele atribui ao engajamento do cidadão em nível local, valor fundamental não apenas para a democracia local em si, mas também para dar sustentação à democracia no nível nacional.

*Os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos estão constantemente a se unir. Não só possuem associações comerciais e industriais, nas quais todos tomam parte, como ainda existem mil outras espécies: religiosas, morais, graves, fúteis, muitos gerais e muitos particulares, imensas e muito pequenas*¹⁴.

A teoria política de Tocqueville sobre a construção da democracia através da ação participativa do povo, e sua possível aplicação ao contexto histórico da Argentina no pós-independência, se torna um tema de fundamental importância para os intelectuais de Buenos Aires, pois segundo eles, o estado de conflito político e social criado nas lutas de independência, poderia ser modificado através de um projeto de excelência educacional, e de uma orientação política embasada na ética e na liberdade individual. Assim, pois, as camadas de intelectuais portenhos e interioranos procuram viabilizar a construção de um Estado Democrático na República Argentina, pautando-se em uma nova concepção política amparada por um sistema liberal, que possibilitasse o surgimento da modernidade através da modificação das crenças e costumes do povo.

Os Estados Unidos era a oportunidade de vivenciar uma nova forma de construção de caminhos para o futuro político do mundo, uma vez que ali, um novo modo de pensar a política parecia revelar-se de modo antecipado à Europa, que se encontrava ainda presa ao conservadorismo, ou seja, a Europa estava caminhando lentamente para uma abertura política que possibilitasse a construção dos Estados liberais. Na perspectiva de Tocqueville, a democracia não era um fenômeno fortuito, mas um movimento histórico irresistível de longa duração, por ele denominado “revolução democrática”.

*Ali a sociedade age sozinha e sobre ela própria. Não existe poder, a não ser no seio dela; quase nem mesmo se encontram pessoas que ousem conceber e, sobretudo, exprimir a idéia de ir procurá-la noutra parte. O povo participa da composição das leis, pela escolha dos legisladores, da sua aplicação pela eleição dos agentes do poder executivo; pode-se dizer que ele mesmo governa, tão frágil e restrita é a parte deixada à administração, tanto se ressentida da sua origem popular e obedece ao poder de que emana. O povo reina sobre o mundo político americano como Deus sobre o universo. É ele a causa e o fim de todas as coisas; tudo sai do seu seio, e tudo se absorve nele*¹⁵.

¹⁴ TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**. 2. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977, p.180.

¹⁵ Idem, 170.

A democracia consistia num fenômeno de expansão de igualdade entre os homens, contra o qual era inútil lutar, sob o risco de anacronismo histórico e dos seus oponentes serem esmagados pelas forças emergentes. Para os defensores da democracia, o conservadorismo passou a ser encarado pelas correntes liberais como o seu principal oponente, pela ameaça que este representava ao direito individual de propriedade e a livre manifestação política. Apesar de pertencer à aristocracia e de não compartilhar completamente seus princípios políticos com a democracia, Tocqueville rendeu-se à força dos fatos e buscou compreender o fenômeno democrático de maneira inovadora, mediante uma teoria que conjugava a igualdade e a liberdade. Segundo ele, a força do igualitarismo era tão penetrante em todos os domínios da vida social norte-americana, que poderia sendo mal gerido incorrer em sérios riscos para a manutenção futura dos direitos individuais, da liberdade de expressão e pluralidade de pensamento. Neste viés, Tocqueville procurou nos seus escritos alertar ao mundo o perigo do desenvolvimento de um novo tipo de despotismo, travestido de roupagem democrática, uma vez que consentido pelos cidadãos em determinadas circunstâncias criadas pelo terror, ou pela falta de censo crítico dos indivíduos, formaria um Estado crescentemente burocratizado e centralizado.

Na Argentina, um marco decisivo para o crescimento das discussões políticas sobre a construção do Estado-Nação foi o surgimento da - “Geração de 37” – formada por políticos e intelectuais, marcados por opiniões semelhantes sobre a formação do Estado liberal na Argentina. Entre seus membros encontrava-se algumas das principais figuras que no futuro, seriam consagradas como os intelectuais que propunham um regime republicano para a Argentina, dentro os quais, destacam-se Juan Batista Alberdi, Esteban Echeverria, Juan Maria Gutierrez e Vicente Lopes. Os ideais deste grupo foram abraçados por Domingo Faustino Sarmiento, que definiu os seus membros como os “Apóstolos da República e da Civilização Européia”, com a expectativa de que os poderes intelectuais não de ter parte na direção da República nascente.

Sarmiento, profundamente influenciado pelas teorias políticas que estavam sendo discutidas na Argentina, aproxima-se dos pressupostos teóricos do pensador francês Augusto Comte (1798-1857). Nos escritos de Comte, Sarmiento encontrou uma série de argumentos que contribuíram para a formação dos seus ideais políticos, entre eles: o conceito de democracia, em que a soberania é atribuída ao povo; o liberalismo, que sustenta a liberdade do indivíduo, desde que se respeite a liberdade alheia e a sustentação da livre concorrência nos meios econômicos. Entretanto, um conceito

básico do positivismo: a ordem e o progresso poderiam oferecer à Argentina, uma filosofia política moderna, como também permitiria explicar sua história, possibilitando a projeção de uma estrutura governamental diferente daquela que foi imposta pelo caudilhismo após o processo de independência da Argentina. O ideal de Nação proposto pelo positivismo, teve uma forte influência sobre Sarmiento, pois o levou a considerar que esta filosofia falava aos seus anseios, ou seja, oferecia os meios para a compreensão da realidade presente na Argentina.

O positivismo abraçado por Sarmiento e tantos outros, como princípio filosófico que orientaria a construção dos Estados-nação na América hispânica, também ajuda a explicar a preocupação dos intelectuais e governos com a educação que é vista como ferramenta para a explicação da nação. Sarmiento, como presidente da Argentina funda a Escola Normal do Paraná em 1870, que se constitui no foco das idéias positivistas que influenciaram a Argentina dos finais do século XIX. Para Sarmiento era preciso implantar uma ordem que levasse em consideração a liberdade individual. Essa nova ordem deveria, portanto, encontrar-se assentada na vontade do indivíduo, ou seja, uma ordem social posta a serviço dos indivíduos. Assim, pois, essa ordem poderia ser estabelecida através de várias medidas políticas, entre elas, o processo educacional. Em tese, a Escola do Paraná foi fundada com esse propósito, pois desse estabelecimento de ensino deveriam sair os educadores das novas gerações argentinas. Na Escola Normal do Paraná, ensinava-se ciência e filosofia. Para a escola, foi contratado o professor italiano Pedro Scalabrini¹⁶ que em 1889 publicava um trabalho intitulado “Materialismo, darwinismo y positivismo”, além de uma série de Cartas Científicas.

Na visão histórica de Sarmiento, a cultura letrada seria responsável pelo delineamento das possíveis saídas políticas para a Argentina, pois a Europa e os Estados Unidos constituíam um modelo de desenvolvimento e progresso a ser seguido e implantado no contexto histórico da Nação Argentina. Na medida em que os intelectuais fossem se tornando um grupo integrado ao poder, ocasionando com isso, uma associação entre a política e as letras, o Estado nacional se formaria. Segundo o projeto de Sarmiento, o político e o educador se fundem em uma mesma pessoa, isto é, são unos, na condição de construtores do processo de modernização.

¹⁶ “Paleontólogo, naturalista e escritor, italiano de nascimento, Pedro Scalabrini chegou à Argentina quando contava com 19 anos de idade, escreveu vários livros de paleontologia e de direito político, sendo considerado um dos mais destacados naturalistas da Argentina. Scalabrini faleceu em Buenos Aires em abril de 1916” (EDUCAR. Sociedade Educacional da Argentina. Fundada sob a lei 20.705, do Ministério da Educação Ciência e Tecnologia da Nação Argentina, no mês de julho de 2003).

*Agora e desde esses últimos anos, tenho-me voltado para outro sol que não que não se eclipsa, que nenhuma nuvem oculta: os Estados Unidos. Como teoria, como ação prática, como poder, como influencia, como futuro, sob todos os aspectos, a democracia ali a encontro forte, consistente em si mesma e dominante*¹⁷.

De acordo com Sarmiento, a educação das populações rurais da Argentina se torna um dos instrumentos capazes de modificar o modo de vida do gaúcho, tornando-o um gerador do progresso, pois Sarmiento via o ensino público, como meio para a geração de um “espírito público”, tal como percebera na sociedade norte-americana. Ao abordar o tema em “*Educação Comum*”, obra escrita pelo mesmo em 1853, para um concurso no campo das políticas educacionais realizado pelo governo chileno, constatou que naquele país, o “espírito público” limitava-se à prática religiosa e de pouca transcendência social. A escola teria aí um papel de fomentar a criação de um “espírito público” que ultrapassasse o ato de dar esmolas, identificando-se com uma caridade “cristã ilustrada”. Os livros, como depositários de toda ciência, de toda moral e de todas as leis, fortaleceriam a missão da escola, generalizando o conhecimento onde quer que haja um homem capaz de recebê-lo.

Seguindo o fio condutor do pensamento sarmientino, a imigração européia atuando na condição de facilitadora da modernidade conduzirá a República Argentina a um estado de ordem e progresso, desde que gerida por um Estado que seja capaz de dirigir o movimento migratório com segurança, dando a ele forma e distribuição. O novo governo a ser implantado, estabeleceria um ambiente político favorável às forças econômicas européias e norte-americanas, tornando-as participativas na formação do Estado Nacional Republicano na Argentina, possibilitando o estabelecimento de uma dinâmica de mercado moderna e competitiva. Nessa perspectiva, Sarmiento na condição de projetista desse ideal de modernização, assume a tarefa de propor alternativas ideológicas para promover a transformação política da sociedade Argentina, que se encontrava profundamente arraigada às tradições gauchescas, e sobre elas, edificar seu sonho de modernidade. Em seu projeto, os imigrantes também eram os protagonistas de uma mudança, mas no sentido de que seriam a mão-de-obra para a agricultura cujo poder de transformação seria extraordinário, já que eliminaria o verdadeiro inimigo da civilização e do progresso: o deserto, ou seja, as áreas não povoadas. Assim, pois,

¹⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p.56.

Sarmiento considerava ser preciso aumentar o tamanho da população rural para que o seu projeto de modernização pudesse ser desenvolvido na Argentina.

Devemos fechar voluntariamente a porta à imigração européia, que chama com batidas repetidas para povoar os nossos desertos e nos tornar, a sombra de nosso pavilhão, um povo enumerável como as areias do mar? Devemos abandonar como ilusórios e vãos os sonhos de desenvolvimento, de poder e de glória, que nos embalaram desde a infância os prognósticos que com inveja nos dirigem os que na Europa estudam as necessidades da humanidade? Depois da Europa, há outro mundo cristão civilizável e deserto além da América? Há na América muitos povos que estão, como o argentino, chamados a receber a população européia que transborda como o líquido em um vaso. Não quereis finalmente, que invoquemos a ciência e a indústria em nosso auxílio, as chamemos com todas as forças, para virem assentar no meio de nós? E a lei da humanidade que os interesses novos, as idéias fecundas, o progresso, triunfem no fim sobre as tradições envelhecidas, e os hábitos ignorantes e as preocupações estacionárias¹⁸.

Fazendo uma análise da argumentação de Sarmiento, ao Estado Liberal caberia a tarefa de formular as leis modernizadoras, em que sob o “império da lei” e dos símbolos nacionais, sob a tutela da cultura intelectual, haveriam de se erguer as escolas responsáveis pela difusão do conhecimento, e pela inserção da Argentina no rol dos países civilizados, dando condições para que a imprensa pudesse ser ampliada proporcionando a livre circulação de livros e jornais. De acordo com Sarmiento, o novo governo seria formado por homens ilustrados e empreendedores, cujo saber e talento seriam chamados a dirigir o destino do país, em que, o labor intelectual aliado ao trabalho se traduziria em progresso e crescimento das relações econômicas. Como fatores essenciais da modernidade, a ordem republicana, por sua vez, caberia zelar pela garantia plena dos direitos civis, bem como, o estímulo à atividade econômica e sua consequência natural: o progresso material. Pois, à República democrática Argentina caberia zelar pela ordem pública e pelo respeito à propriedade privada. Nessa premissa, o sistema democrático a ser implantado na Argentina teria ao seu lado todos os grandes homens que a República nascente possuísse, e que devido ao regime do ditador Rosas estão esparramados pelo mundo, pois nesta nação democrática em formação, a

¹⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p.52.

inteligência e o talento, seriam as ferramentas utilizadas pelos políticos que teriam o compromisso de consolidar a formação do Estado-nação na República Argentina.

A República Argentina tem, felizmente, tanta riqueza a explorar, tanta novidade com que atrair os espíritos depois de um governo como o de Rosas, que seria impossível perturbar a tranqüilidade necessária para alcançar novos fins, quanto houver um governo culto e que cuide dos interesses da nação, quantas empresas, quanto movimento industrial. Províncias como San Juan e Mendoza, dedicados a criação do bicho da seda, que com o apoio e proteção do governo em quatro anos precisariam de braços para os trabalhos agrícolas e industriais que requer; as províncias do norte, entregues ao cultivo da cana-de-açúcar, do anil, que nasce espontaneamente¹⁹.

Para Sarmiento, o estabelecimento da modernidade viria como consequência de ações inovadoras e emergentes, desenvolvidas pelos homens sábios e industriais da República Argentina, que no ato de legislar, dariam condições para que uma política de mercado pudesse ser redescoberta em todo o território nacional argentino. O Estado Modernizador da Argentina conduziria, portanto, todas essas modificações políticas, bem como receberia os empresários econômicos europeus, que possuidores de uma indústria, ou um ofício, estariam em busca de condições para multiplicar as suas fortunas e se fixarem onde haja terra e condições de trabalho. Caberia aos engenheiros da república elaborar os projetos das cidades modernas e espalhá-las pelos pampas, cobrindo as margens dos rios de civilização, fomentando a navegação fluvial, tornando todos os rios navegáveis.

As cidades, na perspectiva de Sarmiento, assumindo a condição de centro irradiador de cultura e civilização, possibilitariam a livre circulação de livros e de idéias. Seriam elas, possuidoras de todos os pontos de contato com a Europa civilizada, tais como: espírito municipal, juizados, direito, leis e educação; bem como a cultura das boas maneiras, o refinamento dos costumes, o cultivo das letras, o estabelecimento das grandes empresas comerciais e a criação do espírito nacionalista argentino, dando condições para a existência de uma Argentina culta que caminhasse rapidamente para se elevar a uma posição distinta na América Latina. Em tese, as cidades neste viés, aparecem como um grande elemento de civilização e de convergência de cultura, seja

¹⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p.326.

ela popular ou letrada, pois em qualquer país sendo ele novo ou antigo, possuem os seus centros de governo que se tornam representativos no exercício da democracia. É na cidade que se constrói as estruturas modernas, sejam elas traduzidas nas universidades, lojas, fábricas, instituições políticas e militares, sistemas bancários e espaços de diálogo para a formação de gestos cortesões entre os cidadãos.

As propostas de modernização, elaboradas por Sarmiento, defendiam a criação do Estado liberal na Argentina. Os caminhos para alcançar tal objetivo já estavam por ele traçados, caberia então a Sarmiento criar condições para que os seus projetos pudessem ser aceitos, como possíveis saídas para promover a modificação política da Argentina, tirando-a do domínio do caudilhismo. Imbuído de suas convicções políticas, Sarmiento, durante o seu exílio em Santiago do Chile, escreve "*Facundo: Civilização e Barbárie*", sendo este publicado em 1845. Nessa obra, Sarmiento define com muita propriedade, o que para ele significava pertencer a um país permeado pelas guerras civis, e sob o governo dos caudilhos. Note-se, entretanto, que o caudilhismo na Argentina foi o gendarme necessário para controlar, pacificar e organizar a sociedade mergulhada no caos do pós-independência, pois esta força do campo, gaúcha por natureza, surgiu como consequência imediata das disputas de poder entre as várias lideranças políticas existentes no interior da recém formada República Argentina. Com efeito, o caudilhismo é um mecanismo que busca estabelecer uma relação recíproca entre o caudilho e os seus seguidores, criando uma situação de dependência, ou seja, os caudilhos oferecendo uma falsa segurança às massas populares, recebiam das mesmas a legitimação do seu poder político.

Sarmiento descreve o universo do caudilho do campo (reduto da barbárie) como um espaço carregado de idéias, imagens e símbolos, que segundo ele, constituem o estado de atraso presente na recém formada República Argentina. Sarmiento ao eleger a biografia como gênero literário de sua escrita, a utiliza como pano de fundo para as suas articulações políticas e ideológicas. Para analisar a trajetória política da Argentina, Sarmiento resgata a história política e social de Facundo Quiroga, o grande caudilho dos pampas, que em vida desenvolveu uma rivalidade política com Rosas, pois Facundo Quiroga, exercia uma forte influência no interior da Argentina, enquanto Rosas, definia a sua influência sobre Buenos Aires. Entretanto, por trás de toda a argumentação política contida no "*Facundo*", qual seja, a construção de um projeto de modernização para a Argentina, Sarmiento não esconde as suas críticas ao governo do então presidente Juan Manuel Rosas, ou seja, com o "*Facundo*", Sarmiento procura combater a política

de Rosas, que na sua argumentação, era um dos fatores que impedia a formação da nacionalidade argentina.

Espectro terrível de Facundo, vou evocar-te para que sacudindo o ensangüentado pó que cobre suas cinzas, te levantes para explicar-nos a vida secreta e as convulsões internas que dilaceram as entranhas de um nobre povo! Tu possuis o segredo, revela-nos! Mesmo dez anos depois de tua trágica morte, o homem das cidades e o gaúcho dos lhanos argentinos ao tomar diferentes caminhos no deserto, diziam: "Certo, Facundo não morreu, está vivo nas tradições populares, na política e nas revoluções argentinas; em que Rosas, seu herdeiro, seu complemento; sua alma passou para este molde mais acabado, mais perfeito e o que nele era apenas instinto, iniciação, tendência, converteu-se em Rosas, em sistema, em efeito e fim"²⁰.

A situação política da Argentina analisada por Sarmiento no "*Facundo*" inicia-se com a Revolução de 1810, que se constituiu enquanto um movimento político levado adiante pelos intelectuais de Buenos Aires. Segundo Sarmiento, a revolução foi obra da cidade, da civilização, pois as províncias do interior viam nesta movimentação apenas e tão somente a independência do rei de Espanha. Para as populações rurais as questões da revolução como igualdade e liberdade, eram-lhes estranhas, não correspondendo às suas necessidades. As cidades seriam as bases reais da construção política que haveria de vir, e nelas residiriam a fundamentação que Sarmiento almejava para a sua nação. Uma vez que à medida que se afastava das cercanias das cidades, a brutalidade se erguia nas mudanças de hábitos, nos costumes bárbaros mantidos nos campos, reduto dos elementos gauchescos que deveriam ser eliminados. A força bruta do elemento gaúcho serviu para moldar o nacionalismo argentino durante a batalha de separação. Entretanto, segundo Sarmiento, estas "virtudes" não seriam mais bem vindas no período posterior da independência caracterizado pela disputas políticas, pois os caudilhos formados entre os gaúchos dos pampas, lançaram sua cobiça e poder individual sobre as cidades. Haja vista, que a guerra de independência resultou em uma classe que dominou as diretrizes econômicas da Argentina, e por sua extensão, resultou num estado de conflitos políticos entre federalistas e unitários que procuravam assumir o poder político na Argentina. Frente às ambições dos caudilhos, as cidades sofreram a destruição de sua estrutura física e de seu universo cultural e econômico, sendo que das humilhações impostas aos

²⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p.45.

cidadãos ilustres, aliadas aos assassinatos perpetrados em nome da “ordem”, a República Argentina caminhava em meio às convulsões do pós-independência.

Neste período duas partes representativas da sociedade lutavam pela hegemonia política. Os federalistas (entre eles Rosas), eram fazendeiros conservadores que obtinham o poder regional com apoio popular e queriam uma autonomia provinciana. Os unitários eram a parte burguesa de Buenos Aires, que tinham seus interesses no comércio exterior e buscavam um governo centralizado na cidade, onde estava o porto, defendendo o capital europeu, a vinda de imigrantes e as idéias ilustradas européias. Note-se, entretanto, que apesar do foco das disputas girarem em torno destas duas camadas políticas, percebe-se na evolução dos fatos históricos, que a rivalidade de interesses na disputa de poder, sempre estiveram presentes entre a província de Buenos Aires e as outras regiões argentinas (interior e litoral). Isto é perceptível quando Rosas (federalista) chega ao poder e não consegue impedir que continuem do mesmo modo os desentendimentos entre essas regiões, que sempre buscavam se sobrepor umas as outras.

Sarmiento ao escrever “*Facundo: Civilização e Barbárie*”, se aproxima da tradição romântica com o seu ideário de liberdade política e artística. Sendo que, a paisagem geográfica e humana do pampa, aliada à cultura do gaúcho, dá origem ao gênero gauchesco que se caracteriza pela valorização da linguagem e dos costumes, em que a figura do homem surge como sendo uma manifestação do meio em que vive.

Sarmiento entendia que Facundo era o produto natural da sociedade Argentina num determinado ponto de sua evolução. Seu tipo de primitivismo, seu barbarismo, seu instintivo ódio às leis, sua vida de perigos, sua ferocidade, que o aproximavam de um animal selvagem, constituíam os típicos produtos do campo argentino, onde não havia associação nem espírito público²¹.

A Argentina, segundo Sarmiento, vivendo um forte período de lutas e afirmação de poder entre federalistas e unitários, possibilita o surgimento de Facundo Quiroga, num ato de poder e determinação, consegue agregar em torno de si todos os elementos caracterizadores da desordem que estavam soltos nas províncias do interior. O Tigre dos Lhanos como era chamado, fez da guerra local a guerra nacional, conduzindo a barbárie gaúcha ao interior das cidades argentinas, que segundo Sarmiento, viram sucumbir os

²¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 131.

últimos restos de civilização que ainda lutava para se manter atuante. Facundo Quiroga é o gaúcho bárbaro que não consegue conter suas paixões, e que uma vez irritadas não conhecem freio e nem medida, é o terrorista que mata, espanca, mutila todos aqueles que ousam entrar no caminho de seus desejos e ambições.

A personalidade de Facundo Quiroga convertida em instinto de sobrevivência transforma-se em razão de Estado e se torna técnica de extermínio nas mãos de Rosas, cujo governo lutava em impedir que as luzes do progresso viessem a brilhar na Argentina. A partir de Buenos Aires, Rosas passa a controlar com terror as demais províncias do interior, que não constantemente cedia as gargantas de seus governantes, ao gume da faca gaúcha instauradora da ordem rosista. Com sua habilidade política, soube aproveitar o excessivo poder que lhe foi delegado pelas províncias para transformar a confederação Argentina em uma ditadura, pois a unidade da República Argentina estava sendo construída, porém, não fundamentada em uma constituição democrática, pelo contrário, se pautava em um despotismo que elegia um governo cuja coesão política se mantinha pela força. Situação política esta, distante do projeto proposto por Sarmiento.

O governo de Rosas realiza um projeto nivelador, em que através de uma centralização do poder mantido pela Mazorca, cujos militantes eram recrutados entre a escória social de Buenos Aires, levavam como emblema a espiga de milho, símbolo da união, e recebia de Rosas o comando direto para impor a aceitação de seu governo. A Mazorca e a fita Colorada foram os elementos elegidos por Rosas como símbolos nacionais de sua República, que torna a sociedade dócil a uma só vontade, a sua vontade, a do gaúcho que corre em suas veias.

Através da Mazorca o terror de Rosas alcançou o seu apogeu, entre os anos de 1840-42, tornando Buenos Aires um matadouro, a cidade foi tomada por visões paranóicas. O povo, com evidentes sintomas de patologia cerebral, típica reação psicológica de uma época de pavor coletivo deu para ver cabeças degoladas em qualquer parte. A lenda sanguinária fazia com que as vissem espetadas nos ferros das Pirâmides de Maio ou, ainda, diziam, oferecidas nas feiras livres pelos quitandeiros como "bons pêssegos". Os habitantes da capital, os que não ficavam insones, eram assaltados no leito por pesadelos, assombrados pela imagem fantasmagórica dos crânios decepados de amigos ou parentes, acordando no meio da noite aos gritos, loucos de medo, horrorizado²².

²² SCHILLING, Voltaire. **Estados Unidos versus América Latina**. Editora Mercado Livre, 1991, p.75.

Rosas, por sua vez, desenvolve um governo voltado aos interesses da pecuária e da indústria de charque de Buenos Aires (interesse pessoal de classe), fazendo com que haja algumas divergências com caudilhos de outras províncias por ficarem fora do núcleo que se beneficia com a política econômica em questão, e também com os unitários, que queriam um estímulo ao comércio e as relações internacionais que não limitassem a exportação de charque.

Sarmiento procura mostrar em sua argumentação que Facundo Quiroga, bárbaro por natureza, expressão genuína do campo, na condição de representante da força caudilha era fruto emergente da barbárie gaúcha, pois impedir a sua criação era algo inevitável. Rosas, bárbaro por opção, filho da culta Buenos Aires, veste a casaca do gaúcho por conveniência, conduzido por uma ambição política e demagógica.

*Facundo, provinciano, bárbaro, valente, audaz, foi substituído por Rosas, filho da culta Buenos Aires, sem ele o ser; Rosas falso, coração gelado, espírito calculista, que fez o mal sem paixão e organiza lentamente o despotismo com toda a inteligência de um Maquiavel*²³.

Sarmiento ao eleger a dicotomia civilização e barbárie, constrói a percepção da existência de um processo de racionalização contínuo que promoverá a libertação política da Argentina, afastando-a das relações primitivas de poder impostas pelos caudilhos dos pampas. Dessa forma, um projeto político para superar a barbárie está no estabelecimento de condições para a civilização. Ao determinar o lugar da civilização, ele define o que está chamando de civilização, ou seja, ao eleger a cidade como local de excelência da forma de conduta civilizada, está definindo que a civilização é o aproveitamento racional dos recursos naturais, comércio externo, indústria, povoação, organização, elegância, comodidade e cultura. A civilização está na Europa. Em Buenos Aires o que se tem são luzes, um pouco ofuscadas pela barbárie caudilha, ou seja, há traços reconhecíveis de comportamento civilizado. O grande problema está no campo, pois fora do ambiente urbano, Sarmiento encontra, em grande proporção, tudo que pode ser chamado de barbárie, em que na vastidão de um território despovoado, enormes

²³ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p.47.

planícies preparam o caminho para o despotismo, que se abriga em um aspecto insistentemente geral e bucólico.

O mal que aflige a República Argentina é a extensão: o deserto a rodeia por todas as partes, se lhe insinua nas entranhas; a solidão, o despovoado sem uma habitação humana, são geralmente os limites inquestionáveis entre uma província e outra. Ali, a imensidão por toda a parte: imensa a planície, imensas matas, imensos rios, o horizonte sempre incerto, sempre confundindo-se com a terra, entre nuvens e vapores tênues que na longínqua perspectiva não deixam determinar o ponto em que o mundo acaba e principia o céu”²⁴.

Assim, pois, o gaúcho em meio à tranquilidade de sua vida nos pampas não burila as suas capacidades intelectuais, abrindo caminhos somente para as faculdades físicas e o hábito de triunfar sobre os obstáculos. Entretanto, a falta de desafios civilizados a serem ultrapassados, abre caminhos ao comodismo. Com efeito, a enorme extensão de um território despovoado instaura nos homens o hábito de viver longe da sociedade e de lutar sozinho pela sobrevivência, pois ao poder contar somente com a própria destreza e capacidade pessoal, desenvolvem-se valores contrários à vida em sociedade, ou seja, a valentia é mais valorizada que a educação, em que os homens cultos são desprezados pela arrogância e presunção daqueles que se acostumaram a triunfar sobre a natureza diariamente. Com efeito, o estado de barbárie não se identifica com uma simples desordem, pois esta, embora desprovida da racionalidade se torna o caos. Segundo Sarmiento, o que prevalece na Argentina é uma ordem social gaúcha a ser destruída.

Considerando-se que uma ordem bárbara somente se sustenta porque existe um povo bárbaro por detrás dela, essa desordem se traduz no predomínio da força bruta e na autoridade sem limites, em uma terra onde a justiça é administrada sem a intervenção do Estado. Sem dúvida, este é o grande problema para a instauração da civilização, pois o saber culto não encontra ressonância em uma população que vive simplesmente do momento, sem projetar um futuro de modernidade para os seus descendentes. O grande dilema está nas transformações do homem do campo em povo, pois para isso, segundo Sarmiento, é necessário educação. Civilizar significa antes de qualquer coisa educar, ou seja, incutir nos indivíduos normas e valores que possam levá-los à constituição de uma

²⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p.65.

sociedade moderna. Valores estão presentes no âmago de todos os homens, inclusive no bárbaro, porém Sarmiento na sua argumentação não é levado a construir uma nação de bárbaros, que muito longe se encontra de sua proposta de progresso.

A premissa de Sarmiento é construir uma nação trilhando o caminho que a distancie da barbárie. A intenção é clara, pois, o que entrava o crescimento da Argentina enquanto um Estado Moderno é o modo de vida do campo, assim esse modo de vida bárbaro deverá ser transformado em civilizado, isto é, na medida em que a modernização alcançar às províncias do interior da Argentina, e paulatinamente ir transformando esses espaços em cidades, o ideal do estado de modernidade em Sarmiento se construirá. Haja vista, que para estabelecer as vias de comunicação para a civilização, basta combinar o esforço do indivíduo com sabedoria e os resultados na natureza surgirão de forma sólida, sendo eles: políticos, econômicos, culturais e sociais; elementos esses, responsáveis pela construção da modernidade.

CONCLUSÃO

Ao analisar a proposta de modernidade construída por Sarmiento no *"Facundo"*, foi possível compreender os processos de construção da autonomia político-administrativa da Argentina após a finalização do processo de independência. A construção de seu Estado-nação foi o resultado de uma série de disputas de poder entre os interesses dos grandes proprietários rurais e das lideranças locais, que visavam a implantação de um modelo de governo na Argentina que correspondesse às suas necessidades políticas e econômicas.

Os caudilhos dos pampas gaúchos, que estiveram no poder durante o processo de formação da identidade nacional argentina, foram perdendo espaço de manipulação política, à medida em que uma nova concepção de sociedade foi sendo construída. O tradicionalismo do gaúcho poderia ser modificado, segundo Sarmiento, pelo contato das ações modernizadoras do progresso, que levaria ao campo o desenvolvimento e a industrialização, mudando completamente o modo de vida das populações rurais. Em tese, o liberalismo proporcionou a Sarmiento a possibilidade de propor a construção de um Estado nacional na Argentina, pautado na ordem e na instituição de leis, que viessem a legitimar as medidas governamentais necessárias a construção de uma nova realidade política para a sociedade de sua época. Ao gaúcho foi imposta a tarefa de levar adiante este projeto de modernidade, pois a partir da eliminação do tradicionalismo das populações rurais argentinas, o gaúcho agora transformado pelo contato da educação, seria conduzido a contribuir para consolidar o progresso e o surgimento das cidades no interior da República Argentina.

Segundo a argumentação de Sarmiento, o primitivo modo de vida do gaúcho qualifica uma tradição rural argentina que foi ultrapassada pela cultura européia e norteamericana, pois no exercício da democracia, não há mais espaço para o caudilhismo com suas formas primitivas de governo, baseadas no conservadorismo e nas leis impostas pelo terror. Com efeito, caberia aos intelectuais das cidades a articulação dessas novas diretrizes modernizadoras, que teriam no liberalismo econômico e político as suas bases constitucionais e legais, buscando no partido unitário os elementos políticos que deveriam assumir o destino da nação Argentina. A proposta de Sarmiento

é clara e definida, pois para ele, as virtudes e os defeitos do gaúcho explicadas nos tipos característicos deveriam ser condenadas ao desaparecimento, ou seja, dentro de uma sociedade gerida por leis e instituições civis, as qualidades físicas do gaúcho no trato com a lida do campo, não encontrariam no interior das cidades elementos culturais que legitimassem a sua continuidade.

Sarmiento, com o "*Facundo*" conseguiu conquistar o seu lugar no cenário político da Argentina, pois as suas argumentações e teorias, sobre a dicotomia civilização e barbárie, tiveram uma grande repercussão nos meios intelectuais da Argentina de sua época, dando a ele condições de construir uma sólida carreira política após a derrocada do governo despótico de Rosas.

Em 1868, Sarmiento é eleito para a presidência da República Argentina, durante o seu governo, realizou o primeiro censo demográfico nacional, em que foi constatado que 70% da população Argentina era analfabeta, e 5% do total das famílias da zona rural viviam em um estado permanente de pobreza²⁵.

Sarmiento, reafirmando os seus projetos de modernidade para a Argentina, implementou um forte aparato educacional com o intuito de promover condições iguais de acesso ao ensino público, seja nas cidades ou no interior das províncias pastoris. Como plataforma de seu governo, Sarmiento, elege a educação como um dos principais veículos modernizadores que iriam estabelecer o progresso na República Argentina. Foram fundadas aproximadamente 800 novas escolas, incluindo a fundação de bibliotecas e a capacitação dos professores. Sarmiento impulsionou a construção de uma malha ferroviária, que promoveu a ligação de Buenos Aires com as principais províncias argentinas, proporcionando com isso, o escoamento das produções agrícolas e industriais em todo o território nacional. No seu governo, Sarmiento cria o Banco Nacional, a Escola Naval e a Academia de Ciências da cidade de Córdoba.

Com o setor político instalado em Buenos Aires, Sarmiento promove a dinamização da comunicação, com amplo aproveitamento da navegação da bacia do Rio da Prata e com o transporte ferroviário, que simbolizava o máximo do progresso europeu para a modernização da Argentina. Durante o governo sarmientino, a imigração

²⁵ SABSAY, Fernando. **Los presidentes argentinos: desde Rivadavia hasta Kircher**. Edições de El Ateneo, 1999, p.45.

européia surge como a melhor expressão da modernidade, pois as levas de trabalhadores que constantemente desembarcavam no porto de Buenos Aires, traziam consigo o sonho de prosperidade para o novo mundo que se abria em oportunidades. Com a chegada de milhares de europeus em Buenos Aires, o panorama sócio-político e cultural da Argentina sofre uma substancial modificação, porém com o tempo, começou a ocorrer as discórdias políticas entre os interesses de classe dos liberais argentinos com os recém-chegados, os quais passaram a lutar pelos seus direitos, fazendo emergir a Era dos Partidos (União Cívica Radical, Partido Socialista, Anarquista etc.).

Na zona rural Argentina, adotou-se a prática dos arrendamentos feitos aos imigrantes, voltados à produção de trigo e milho, além de ampliarem significativamente a criação de ovinos. Gradativamente o setor industrial começou a desenvolver-se para atender o mercado interno de crescimento. A expansão urbana das classes operárias e médias de profissionais liberais terminou por produzir um novo elemento no cenário político, a democracia de massas, ocasionando com isso a entrada do exército nacional na vida política da Argentina.

As instituições civis foram firmadas nas cidades, como expressão moderna do republicanismo que existia nos grandes centros democráticos do mundo, em especial o modelo norte-americano. O liberalismo na Argentina foi sistema de governo vencedor, pois da articulação política de várias camadas da sociedade Argentina, entre elas: federalistas e unitários, coube a construção de condições políticas e ideológicas para que o Estado-nação pudesse ser um projeto possível de ser instaurado na República Argentina.

Sarmiento, ao eleger a modernidade como um fim e meta a ser alcançado, obteve êxito, pois sua carreira política se forjou juntamente com a história Argentina entre lutas e conquistas. Não tinha dúvidas quanto ao lugar em que se encontrava o seu ideal de modernidade, e soube perseguir os seus objetivos com determinação, delineando estratégias políticas necessárias ao momento histórico em que vivia. A esperança de Sarmiento, ao elencar os seus pressupostos modernizadores para o seu país, era a possibilidade de promover a transformação política, cultural e econômica da grande “Tebas do Prata”, como ele inúmeras vezes intitulou a República Argentina. O seu desejo, bem como o desejo dos partidários do unitarismo era a esperança de viverem em uma nação livre amparada nos princípios da ordem e do liberalismo democrático, pois se os fatores físicos dos pampas não podiam ser transformados, idéias e sentimentos poderiam ser modificados, desde que fossem burilados pelo contato da civilização,

abandonando-se as antigas formas do tradicionalismo cultural das populações rurais argentinas.

FONTE:

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**; tradução de Jaime A. Closen – Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes;1996.

Esta edição que utilizamos, com tradução de *Jaime A. Closen* a partir da nona edição publicada pela editora *Espasa-Calpe Argentina* (Buenos Aires, 1972), foi confrontada pelo tradutor com a edição castelhana da Biblioteca de Ayacucho, considerada a edição clássica do “*Facundo*”. Essa confrontação levou a algumas correções na primeira tradução, como o acréscimo e eliminação de textos e a alteração do sumário do livro. Nessa ocasião foi feita a tradução das notas que estão no final dos capítulos (essas notas são da Biblioteca de Ayacucho). As notas de rodapé foram mantidas pelo tradutor por se tratarem de notas que foram elaboradas pelo autor do “*Facundo*”.

Domingo Faustino Sarmiento nasceu na cidade de San Ruan, província de Cuyo em fevereiro de 1811. “*Facundo: Civilização e Barbárie*” foi escrito por Sarmiento em 1845, quando esse se encontrava exilado no Chile e se considerava mais um dos perseguidos por Juan Manuel de Rosas, governador da província de Buenos Aires. O “*Facundo*” começa a circular em folhetins no jornal *El Progreso* em Santiago do Chile em maio de 1845, sendo nesse mesmo ano publicado em livro pela imprensa *Del Progreso*. Em 1851, ainda em Santiago do Chile é feita a segunda edição pela imprensa de *J. Belini e Cia*, porém nesta edição pedido do autor é subtraído do livro a introdução e os dois últimos capítulos. Em Nova York em 1868 foi publicada a terceira edição por *D. Appleton e Cia*, nessa publicação a pedido do Sarmiento, são feitas algumas correções gramaticais pelo cubano *Mantilla*, revisor das provas. Em 1874, *Augusto Belin Sarmiento*, neto do autor do “*Facundo*” é encarregado de promover a quarta edição do livro pela livraria *Hachete de Paris*, sendo nessa edição acrescentado os capítulos subtraídos da segunda edição. Em 1889, após a morte de Sarmiento, *Luiz Mont* promove a publicação da quinta edição do “*Facundo*” que acompanha a publicação de 1845, sem levar em consideração as correções feitas pelo autor nas edições anteriores. A tradução do “*Facundo*” utilizada como fonte principal nesse trabalho de monografia foi feita por *Jaime A. Closen* a partir da nona edição publicada pela editora *Espasa-Calpe Argentina* (Buenos Aires, 1972). Em 1995, essa tradução foi confrontada pelo tradutor com a edição Castelhana da Biblioteca de Ayacucho, considerada a edição clássica do “*Facundo*”, essa confrontação levou a algumas correções na primeira tradução, como o acréscimo e eliminação de textos e a alteração do sumário do livro.

BIBLIOGRAFIA

ANDERLE, Adam. "El Positivismo y la Modernización de la Identidad Nacional en América Latina". IN: **Anuario de Estudios Americanos**, n. XLV. Escuela de Estudios Hispano-Americanos. Conselho Superior De investigação Científicas. Espanha, Sevilha Editora.1988

CURI, Alcides Beretta. **Hacendados, Tierras y Fronteras em la Provincia de Buenos Aires (1810-1852)**. Boletim Americanista, Espanha Editora União de Barcelona,1982.

DONGUI, Túlio Halperin. **Guerras e finanças em las Orígenes de Estado Argentino (1791-1850)**.Buenos Aires Editora de Belgrano, 1982.

GARATE, Miriam V. **Civilização e Barbárie nos Sertões**, O itinerário de uma Desilusão. Publicado pela UNICAMP – São Paulo- na Revista de Critica Literária Latino-americana, 1993.

JACOME, Benito Varela. **Estúdio Preliminar a lá vida de Juan Facundo Quiroga**. Revista filosofia Espanhola. México, Editora Espasa Calpe, 1961, p. 309 – 324.

SABSAY, Fernando. **Los presidentes argentinos: desde Rivadavia hasta Kircher**.Buenos Aires, Editora de El Ateneo, p.45, 1999.

SCHILLING, Voltaire. **Estados Unidos versus América Latina**. São Paulo, Editora Mercado Livre, 1991.

TERAN, Oscar. **Escritos de Juan Bautista Alberdi: el redator de la ley**. Buenos Aires: Editora da Universidade Nacional de Quilmes, 1996.

TOCQUEVILLE, Aléxis de. **A Democracia na América**. 2. Ed. Belo Horizonte: São Paulo, Editora Itatiaia; Edusp, 1977.

VALLEJOS, Julio Pinto. **De Projetos y Desarraigos: La sociedade Latinoamericana Frente a la Experiência de la Modernidade (1780-1914)**. Editora da Universidade de

Santiago Do Chile, 2000.

WALDE, Erva Von de. **Escribir es Ordenar**. Alguns lugares comunes sobre o Facundo y o querer literário em América Latina. Buenos Aires. Editora Dissens, 1953.

ZILLY, Berthold. **A barbárie: Antítese ou elemento da Civilização?** Do Facundo de Sarmiento a os Sertões de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro. Editora Mauad, 2001.